



História da Quiropterologia no Brasil

Adriano Lúcio Peracchi

Laboratório de Mastozoologia, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
E-mail: alperacchi@yahoo.com.br

Resumo: Esta contribuição sintetiza a história da quiropterologia no Brasil, desde os seus primórdios até a fundação da Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros.

Palavras-Chave: Desenvolvimento; Pesquisa; Pesquisadores; Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros; SBEQ.

Abstract: The history of bat research in Brazil. This contribution synthesizes the history of bat research in Brazil, from its beginnings to the establishment of the Brazilian Bat Research Society.

Key-Words: Brazilian Bat Research Society; Development; Research; Researchers; SBEQ.

Essa contribuição foi elaborada com base em Peracchi & Nogueira (2010), Vieira (1942) e subsídios proporcionados pela Wikipédia, a enciclopédia livre.

Já no início da exploração do território brasileiro pelos europeus, mereceram os quirópteros as primeiras observações. Os relatos mais antigos sobre morcegos no Brasil foram feitos para o estado do Rio de Janeiro pelos viajantes Hans Staden e Jean de Léry. O primeiro deles, que esteve em 1548 na região onde atualmente se encontra o município de Angra dos Reis, fez o seguinte relato que indica a ocorrência de *Desmodus rotundus* (É. Geoffroy, 1810): “Enquanto estive entre os selvagens, sugaram-me muitas vezes os dedos do pé. Ao acordar é que via então os dedos ensanguentados. Mas nos selvagens mordiam-lhes, em geral a cabeça (Staden, 1930: 174)”. A citação seguinte consta da também interessante narrativa do calvinista Jean de Léry, “Viagem à terra do Brasil”, originalmente publicada em 1578 (Léry, 1998: 26): “Nesse país existem morcegos do tamanho de nossas pequenas grahas. Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba. Por isso quando despertávamos pela manhã muito nos admirávamos de ver sangue nas roupas de cama e nas adjacências. Mas os selvagens não se incomodam em absoluto com isso e ainda caçoam dos que são mordidos. Deu-se o caso comigo e além do motejo de que fui vítima, durante dois ou três dias senti dificuldade em calçar-me por ter ofendida a extremidade do dedão, embora não fosse grande a dor”. Léry chegou ao Brasil em 1576 e depois de expulso do forte de Villegaignon com outros protestantes, ficou na baía da Guanabara por mais dois meses, na companhia dos índios tupinambás.

Pouco se sabe sobre as circunstâncias da vinda ao Brasil do português Gabriel Soares de Sousa ou a respeito dos 17 anos em que viveu na colônia, bem como das condições em que colheu as informações sobre a costa

do Brasil e a capitania da Bahia de Todos os Santos. Há indícios de que, quando decidiu desembarcar no litoral baiano, provavelmente em 1569, fazia parte de uma frota que partiu de Lisboa em direção a Monomotapa, atual Moçambique, com a finalidade de explorar as cobiçadas minas africanas. Fixando moradia ao sul do Recôncavo Baiano, tornou-se um dos homens principais da capitania, proprietário de gado e benfeitorias. Em meados da década de 1580, tendo herdado alguns mapas e pedras preciosas de seu irmão que falecera no Brasil, Gabriel deixava o Brasil, rumo à Espanha, com a intenção de solicitar ao rei Filipe II (I de Portugal) apoio à sua empreitada de exploração das terras para além do Rio São Francisco, em busca de riquezas minerais. Foi durante o tempo em que esperava, em Madri, o despacho real a respeito de suas solicitações, que Gabriel escreveu suas observações sobre o Brasil no “Tratado Descritivo do Brasil” (1587). Ao abordar os animais encontrados na terra explorada, Gabriel Soares de Souza confundiu os morcegos com aves noturnas mencionando-os sob o nome indígena de “anduras” notando que alguns eram muito grandes, com tamanhos dentes como gatos, “com que mordem”. Observou-lhes também os hábitos, referindo que se criavam nos ocos das árvores e no interior dos engenhos em tal quantidade que chegavam a causar grande dano, comendo o açúcar e sujando-o com os excrementos.

O Padre Manuel Aires de Casal foi o autor do primeiro livro impresso no Brasil, em 1817, e dedicado ao rei D. João VI: “Corografia Brasília ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brazil composta e dedicada a sua Majestade fidelíssima por um presbítero secular do Gram Priorado do Crato”. Nessa obra, ao tratar da Zoologia, o autor ainda inclui os morcegos entre as aves, considerando-os daninhos pois são “multiplicadíssimos por toda parte e alguns do tamanho de pombas, prejudiciais aos gados, a certas frutas e ainda às casas e templos, soltando borões de tinta negra, que não se lava, enquanto comem a baga da coirana”.



Somente em princípios do século XIX é que o zoólogo Maximilian Alexander Philipp, o príncipe de Wied-Neuwied, tratou os morcegos sob o ponto de vista científico. Foi um príncipe renano que esteve no Brasil, no início do século XIX, onde estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Contou com o apoio de dois auxiliares alemães Georg Wilhelm Freyreiss e Friedrich Sellow, com experiência em coleta e preparação de animais. Chegou no Brasil em 1815 e em 4 de agosto desse ano começou a sua viagem pelo leste do Brasil, pesquisando o litoral e regiões do interior do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia, chegando a Salvador em 1817. Colecionou muitas espécies e observou-lhes os hábitos o que relata minuciosamente no “Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817” publicado em 1820. No segundo volume da obra “Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens” publicado em 1826, descreveu dez espécies novas de quirópteros coletadas nessas expedições, reproduzidas em magníficas estampas coloridas no “Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens” (Weimar, 1823-1831).

Johann Baptist Ritter von Spix nasceu em 1781 na pequena cidade de Höchstädt an der Aisch, Baviera, Alemanha. Em 1804 iniciou estudos em Medicina e Ciências Naturais e em 1807 doutorou-se em Medicina. No ano seguinte foi contratado pelo rei Maximiliano José I, para organizar o Gabinete de Zoologia da Academia Real de Ciências de Munique. Antes de assumir essa atividade o rei o enviou para Paris custeando os seus estudos por dois anos no que era então o centro da Zoologia e que permitiu que Spix convivesse com Cuvier, Lamarck e Saint-Hilaire. Spix foi o primeiro zoólogo a pesquisar a região amazônica. Quando retornou à Europa elaborou um inventário minucioso sobre a natureza brasileira. Mesmo com a saúde abalada trabalhou incansavelmente e produziu várias publicações relevantes sobre alguns grupos zoológicos, Assim merece destaque a obra “Siumiarum et Vespertilionum Brasiliensium, Species Novae” onde são descritas 19 espécies novas, classificando-as em duas grandes famílias, Anistophori e Istiophori. Entretanto, sua publicação mais conhecida é “Reise in Brasilien” (1823, 1828, 1831 [Viagem pelo Brasil]), obra escrita em parceria com Carl Friedrich Philipp von Martius. Spix e Martius vieram para o Brasil em 1817, com um grupo de naturalistas austríacos, acompanhando Maria Leopoldina da Áustria, mas logo deixaram o grupo e por conta própria viajaram pelo Brasil.

A obra “Reise in Brasilien” é fruto das pesquisas realizadas durante a expedição de Spix e Martius pelo interior do Brasil, uma viagem de exploração científica que percorreu 10.000 km, partindo do Rio de Janeiro, seguiu para São Paulo e Minas Gerais, embrenhando pelo sertão e subindo o rio São Francisco até os limites de Goiás. Passaram pela Bahia e Pernambuco, atravessaram a Caatinga, sofreram diferentes doenças e por várias vezes quase morreram de sede. Visitaram as províncias do Piauí e Maranhão. De lá seguiram para Belém do Pará, chegando ao rio Amazonas Spix seguiu de Tabatinga para as proximidades da fronteira com o Peru, e de Manaus subiu o Rio Negro. Martius subiu de barco o

rio Japurá e daí trouxe duas crianças indígenas, de duas tribos diferentes: Juri e Miranha, que foram batizadas com os nomes de Johannes e Isabella. Spix e Martius retornaram em 1820 para Munique com vultoso material coletado. Martius produziu a obra mais completa sobre a flora brasileira, a conhecida “Flora Brasiliensis” e Spix cuidou especialmente de fazer o inventário sobre a fauna brasileira.

François Louis Paul Gervais, em 1855, estudando o material zoológico coletado pela expedição do Conde Castelnaeu à América do Sul, publicou “Documents Zoologiques pour servir à la Monographie des Chiróptères Sud-américains”, insertos na sétima parte da volumosa obra “Expéditions dans l’Amérique du Sud sous la direction du Comte de Castelnaeu”. Nesse notável trabalho, além de descrever quarenta espécies de morcegos brasileiros, alguns dos quais até então desconhecidos, classificou os quirópteros sul-americanos em duas grandes famílias: Phyllostomidae, subdividida nas tribos Desmodina, Stenodermina, Glossophagina e Vampyrina; Vespertilionida, subdividida em Noctilionina, Molossina, Emballonurina, Nycticeina e Vespertilionina.

Em 1817 o imperador Francisco da Áustria financiou uma expedição ao Brasil por ocasião do casamento de sua filha, Maria Leopoldina de Áustria com o Príncipe herdeiro, Dom Pedro de Alcântara, que mais tarde viria tornar-se Imperador do Brasil. Johann Natterer foi o zoólogo da expedição e viajou com outros naturalistas, incluindo Spix e Martius e permaneceu na América do Sul por 18 anos, até 1835. Não existem trabalhos publicados de suas expedições e suas anotações e os diários de viagem foram destruídos em um incêndio ocorrido em Viena durante a revolução de 1849. Entretanto, durante sua permanência no Brasil coletou 781 exemplares de mamíferos dos quais 48 quirópteros, que foram estudados e descritos por seu amigo Johann Andreas Wagner e posteriormente por Pelzeln no “Brasilische Säugethiere, Resultate von Johann Natterer’s Reisen in der Jahren 1817 bis 1835”, publicado em Viena em 1883, no tomo XXXIII de K. Zoologisch-botanischen Gesellschaft. Segundo Rego (1982), Natterer não se limitou a coletar e preparar os vertebrados, mas também examinava o interior dos exemplares e suas vísceras, colhendo os seus parasitos. Enorme quantidade de material, quase 2.000 frascos de helmintos, serviu mais tarde para os estudos de renomados helmintologistas. Segundo Rego (loc. cit.), “... tudo o que se conhece de helmintologia no Brasil até o século XX é devido praticamente ao material coletado por Natterer”.

Hermann Burmeister, naturalista alemão, viajou em 1850 para o Rio de Janeiro, depois a Minas Gerais, atraído pela fauna de Lagoa Santa, onde passou cinco meses em companhia de Lund. Retornou à Europa em 1852 e descreveu no “Systematische Übersicht der Tiere Brasiliens”, volume Mammalia, 30 espécies colecionadas nas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Viajou duas vezes à Argentina para onde finalmente se mudou, assumindo a direção do Museu de Ciências de Buenos Aires, por 30 anos, até a sua morte.



Wilhelm Peters, naturalista alemão obteve o seu doutorado em zoologia. Exerceu as atividades de curador do Berlin Zoological Museum. Destaca-se entre os zoólogos antigos pelo grande número de espécies descritas com base em material colecionado no Brasil e enviado aos museus europeus.

John Edward Gray, zoólogo britânico que em 1824 inicia as suas atividades no Departamento de Zoologia do Museu Britânico e em 1840 assume a curadoria do mesmo, onde permanece até 1874. Publicou perto de 1.200 trabalhos, versando principalmente sobre zoologia. Um bom número de contribuições foram dedicadas aos morcegos neotropicais.

Glover Morill Allen, zoólogo americano que estudou na Universidade de Harvard, passou a lecionar lá mesmo zoologia depois de graduado. Ocupou a posição de curador dos mamíferos do Museum of Comparative Zoology. Foi presidente da American Society of Mammalogists de 1927 a 1929. Autor do clássico "Bats", publicado em 1939 pela Harvard University Press, Cambridge e re-impresso pela Dover Publications INC., New York, em 1962.

George Edward Dobson, em 1878, no seu clássico "Catalogue of the Chiroptera in the collection of the British Museum", descreveu 400 espécies de morcegos provenientes das mais diversas regiões do mundo e as descrições apresentadas, com poucas exceções, são originais e foram tomadas diretamente dos tipos ou de exemplares comparados com os tipos. Para o Brasil foram descritas setenta e seis espécies, compreendidas em três grandes famílias: Vespertilionidae, com os grupos *Miniopteri* e *Vespertiliones*; *Emballonuridae* com *Furiae*, *Emballonurae*, *Diclidurae*, *Noctiliones* e *Molossi* com *Mormops*, *Vampiri*, *Glossophagae*, *Stenodermata* e *Desmodontes*.

Herluf Winge, em 1883, depois de examinar o material obtido por Lund nos arredores de Lagoa Santa, estado de Minas Gerais, e atualmente integrando as coleções do Museu Zoológico da Universidade de Copenhague, enumerou trinta espécies fósseis e trinta e cinco atuais, descritas no "Jordfundne og nulevende Flagermus (Chiroptera) fra Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasilien".

Hermann Friedrich Albrecht von Ihering formou-se em medicina pelas universidades de Berlim e Göttingen e passou a estudar zoologia e geologia, recebendo o título de doutor em 1876. Era professor de zoologia em Leipzig quando veio para o Brasil em 1860, para se dedicar às pesquisas patrocinadas pelo Governo Imperial. Naturalizado brasileiro, mudou-se para São Paulo em 1892 a fim de fundar o Museu Paulista, dedicado à história natural, do qual foi diretor por 25 anos. Foi também fundador do Jardim Botânico. Afastado da direção do Museu Paulista quando eclodiu a Primeira Grande Guerra, por causa da sua origem alemã, mudou-se para o sul do país e posteriormente para o Chile e Argentina, onde igualmente lecionou zoologia. Retornou a Alemanha em 1924. No seu "Catálogo dos mamíferos de São Paulo", 1893, citou vinte e cinco espécies de morcegos ocorrendo naquele estado. Nos "Mamíferos do Rio Grande do Sul", Porto

Alegre, 1895, descreveu dezessete formas por ele achadas naquele estado.

Émil August Goeldi, zoólogo suíço, frequentou as universidades de Leipzig e Jena e formou-se pela última, onde defendeu sua tese de doutorado. No final de 1884 foi convidado por Ladislau Neto, então diretor do Museu Imperial, para trabalhar naquela instituição e em novembro desse ano desembarcou no Rio de Janeiro. Inicialmente desenvolveu atividades como subdiretor da seção de Zoologia e em janeiro de 1885 assume efetivamente aquela função. Em 1886 recebe do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas a incumbência de estudar uma praga que assolava os cafezais da Província do Rio de Janeiro. Em 1889 afasta-se de suas funções no Museu Imperial. Em 1894 foi convidado por Lauro Sodré, governador do Estado do Pará para a direção do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, fundado em 1871 e que encontrava-se em processo de reorganização. Desembarcou em Belém em 7 de junho de 1894, justamente numa época de prosperidade e valorização dos museus e da extração da borracha na Amazônia. Goeldi ocupa a direção do Museu de 1894 a 1907 tendo desenvolvido profícuo trabalho de exploração da Amazônia e incorporação de expressivo material ao acervo científico da instituição. Em 31 de dezembro de 1899 o Governo do Pará mudou o nome do Museu para Museu Emilio Goeldi. Em 1907 Goeldi deixa o Pará definitivamente, alegando problemas de saúde e preocupações relacionadas com a educação de seus filhos. Antes de embarcar para a Suíça foi nomeado por Augusto Montenegro, governador do estado do Pará, diretor honorário do Museu Emilio Goeldi, instituição para a qual havia dedicado 13 anos de sua vida. Na longa lista de trabalhos escritos por Goeldi, destacam-se a "Monografia dos Mamíferos do Brasil" (Monografias Brasileiras I), Rio de Janeiro, 1893", onde são listadas quarenta espécies de quirópteros, acompanhadas das descrições, bem como os hábitos de algumas delas e a contribuição: "Pródromo de um catálogo crítico, comentado da coleção de mamíferos do Museu do Pará (1894-1903)" em coautoria com G. Hagmann – Bol. Mus. Goeldi 4(1): 38-122, 1904 – onde são listadas 22 espécies.

Uma coleção de quirópteros feita por Ricardo Kroene no litoral paulista foi estudada e descrita por Adolf Pira, de Estocolmo, em 1905, no "Zoologischer Anzeiger", volume XXVIII, página 12, sob o título "Über Fledermause von São Paulo".

Outra coleção obtida por uma expedição austríaca ao norte e nordeste do Brasil em 1908, foi examinada por K. D. Toldt de Viena, que em 1926, publicou na revista *Akademie Wissenchaften in Wien* o resultado de seus estudos, mencionando apenas dez espécies encontradas nos estados do Pará, Piauí e Bahia.

Michael Rogers Oldfield Thomas trabalhou no British Museum of Natural History onde descreveu aproximadamente 2.000 espécies ou subespécies novas de mamíferos provenientes das mais variadas regiões do mundo. Somente em relação à região Neotropical publicou 137 trabalhos, o primeiro em 1880 e o último em 1929, a maioria no Museu Britânico, nos *Annals and*



Magazine of Natural History, London". Aposentou-se em 1923, mas continuou trabalhando ininterruptamente até 16 de junho de 1929, quando aos 71 anos de idade, foi encontrado no seu gabinete no museu, sentado em sua cadeira de trabalho, morto com um tiro na cabeça, um ano após o falecimento de sua esposa, duro golpe do qual nunca se recuperou. Os trabalhos de autoria de Thomas são fundamentais para os estudiosos dos morcegos neotropicais.

No princípio do século 20 aparecem as primeiras contribuições nacionais, destacando-se inicialmente aquela devida ao naturalista João Leonardo Lima, do Museu Paulista, que descreveu no seu minucioso trabalho "Os morcegos do Museu Paulista", publicado no tomo XIV da Revista daquele museu, as cinquenta e três espécies existentes nas respectivas coleções, das quais uma até então desconhecida.

No período de 1934 a 1936, uma série de contribuições pouco citadas na literatura científica foi publicada pelo assistente Esperidião de Queiroz Lima e pelo assistente-chefe, Sylvio Torres, médicos veterinários do Ministério da Agricultura e que trabalhavam na Estação Experimental de Deodoro, do Instituto de Biologia, do Departamento Nacional de Produção Animal, sediada na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Esses pesquisadores produziram vários trabalhos envolvendo a participação dos morcegos hematófagos na transmissão da raiva paralytica dos herbívoros e de outras doenças (Lima, 1934a, b; Torres, 1934, 1935a, b, 1936; Torres & Lima, 1935, 1936).

Pouco mais tarde, Carlos Otaviano da Cunha Vieira publica o seu clássico trabalho, "Ensaio monográfico sobre os quirópteros do Brasil" (Vieira, 1942), onde assinala a ocorrência de 98 espécies de morcegos brasileiros reunidas em 56 gêneros, abordando caracteres morfológicos e a sistemática das mesmas. Treze anos mais tarde esse autor publicou a "Lista remissiva dos mamíferos do Brasil" onde incluiu 53 gêneros de quirópteros, englobando 105 espécies e apresentando a distribuição e a lista das principais sinonímias de cada uma (Vieira, 1955).

Em 1943, A. M. C. Proença publica o seu único trabalho sobre quirópteros, descrevendo *Myotis guaycuru*, com base em exemplar capturado em Salobra, Mato Grosso do Sul (Proença, 1943).

Em 1947, David E. Davis publica pequeno trabalho versando sobre alguns mamíferos de Teresópolis, RJ, incluindo quatro espécies de quirópteros (Davis, 1947).

Em 1951, Augusto Ruschi iniciou a publicação de contribuições sobre os quirópteros do Espírito Santo e suas pesquisas possibilitaram que mais quinze trabalhos fossem divulgados, todos no Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão. Em 1957 esse autor publicou, em coautoria com A. G. Bauer a "Classificação de quirópteros do Rio Grande do Sul" em publicação do Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, Porto Alegre.

Em 1957, Cory Teixeira de Carvalho inicia as suas publicações envolvendo os mamíferos. Assim, apresenta no Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, as suas observações sobre alguns mamíferos do Acre Ocidental. Contudo, nessa contribuição não aborda os quirópteros

o que só irá fazer em 1960 ao publicar observações sobre a visita de morcegos às flores (Carvalho, 1960). No ano seguinte discorre sobre os hábitos alimentares de Phyllostomidae (Carvalho, 1961). Em 1962 elabora a lista preliminar dos mamíferos do Amapá onde assinala 13 espécies de quirópteros para aquele território. Mais tarde publica a revisão dos Vespertilionídeos brasileiros (Carvalho, 1973) onde além de considerações taxonômicas sobre as espécies arroladas apresenta dados bionômicos.

Em 1966, Valdir Antônio Taddei inicia a sua graduação em História Natural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto onde se dedica à zoologia sob a orientação do Prof. Luiz Dino Vizotto. Em 1973 obtém o título de doutor nessa mesma faculdade, defendendo a tese: "Phyllostomidae da região Norte-Occidental do Estado de São Paulo". Nesse mesmo ano publicou, em coautoria com Vizotto, a "Chave para determinação de quirópteros brasileiros", importante trabalho que se tornou um clássico para todos os que se iniciam no estudo dos morcegos. Esse pesquisador publicou 47 artigos sobre quirópteros, mormente nas áreas de taxonomia e reprodução, além de três capítulos de livros.

Em 1975, Ivan Sazima, da Universidade Estadual de Campinas publica a primeira contribuição sobre quirópteros, produzindo numerosos trabalhos sobre esses animais até 2003. As contribuições desse pesquisador versam principalmente sobre aspectos comportamentais e polinização de plantas por morcegos.

Em 1º de julho de 1977, Fernando Dias de Ávila Pires, publica em coautoria com Elio Gouvêa, o Boletim do Museu Nacional nº 291, versando sobre os mamíferos do Parque Nacional do Itatiaia e assinalando a ocorrência de 13 espécies de morcegos. Esses autores esclarecem que os quirópteros da coleção do Parque foram identificados por Cory Teixeira de Carvalho.

Na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Botucatu, Wilson Uieda publica seu primeiro trabalho com morcegos em 1977 e daí em diante produz diversas publicações sobre esses mamíferos, abordando principalmente frugivoria, morcegos hematófagos, comportamento alimentar e saúde pública.

No Rio Grande do Sul destaca-se a contribuição de Marta Elena Fabián que na década de 60 passou a colaborar com o Museu da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e que hoje milita no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também nesse estado sulino merecem citação Rosane Vera Marques, bióloga da Divisão de Assessoramento Técnico da Procuradoria Geral de Justiça do Rio Grande do Sul; Susi Missel Pacheco, Diretora Presidente do Instituto Sauber e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Virologia do Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor; e Ana Maria Rui do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética da Universidade Federal de Pelotas.

No estado de Santa Catarina, Sérgio Luiz Althoff vem desenvolvendo pesquisas sobre os morcegos daquela unidade da federação. Gledson Vígiano Bianconi,



pesquisador do Instituto Neotropical e Professor do Instituto Federal do Paraná vem se dedicando às pesquisas sobre os morcegos frugívoros e sua participação na recuperação de áreas degradadas. Marcelo Oscar Bordignon, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, vem desenvolvendo trabalhos relacionados com ecologia de morcegos. No Estado de Goiás, Marlon Zortéa vem desenvolvendo pesquisas na Universidade Federal de Goiás, versando sobre sistemática e ecologia de quirópteros.

Em 1957, Adriano Lúcio Peracchi ingressou no curso de Agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e iniciou a sua formação como zoólogo trabalhando, inicialmente, com aranhas e depois com insetos. Em 1967 o Dr. Bernardo Villa Ramirez, da Universidad Autónoma do México, foi convidado pelo Governo Brasileiro a ministrar um curso de especialização sobre quirópteros e incentivar a formação de pessoal especializado no estudo desses mamíferos, visando a obtenção de subsídios sobre a bionomia dos morcegos e suas relações com o vírus rábico. Peracchi participa desse curso e assim começa sua caminhada na Mastozoologia. Pouco depois publica o primeiro trabalho sobre o assunto, versando sobre *Histiotus velatus* (Geoffroy, 1824), espécie até então pouco conhecida (Peracchi, 1968). Esse trabalho foi elaborado nas dependências da Cadeira de Zoologia Agrícola da Escola Nacional de Agronomia, que viria, mais tarde, se transformar no atual Laboratório de Mastozoologia da UFRRJ. Algum tempo depois o Prof. Sila Tenório de Albuquerque passou a colaborar com o Prof. Peracchi, sendo publicados alguns trabalhos sobre os quirópteros. A esses docentes veio se juntar o acadêmico Rogério Serrão Piccinini, que graças à bolsa de Iniciação Científica do CNPq, passou também a colaborar nos trabalhos em andamento. Pouco depois, Piccinini é transferido para a Faculdade de Veterinária do Ceará onde completa o seu curso de graduação em 1970 e somente em 1974 retorna ao km 47, onde novamente passa a colaborar com a equipe do Laboratório de Mastozoologia, sendo publicados vários trabalhos relacionados com o controle de morcegos hematófagos. Em meados de 1978, o biólogo Sérgio Furtado dos Reis passou a ser orientado pelo Prof. Peracchi no mestrado que vinha frequentando no Museu Nacional do Rio de Janeiro, tendo sido indicado para ocupar o cargo de professor assistente da área de Zoologia da UFRRJ logo após a obtenção do título de Pós-Graduação em 1980. A dissertação de mestrado do Prof. Sérgio deu origem a importante trabalho sobre biologia reprodutiva de morcegos (Reis, 1989). Entrementes, passaram a colaborar nos trabalhos do Laboratório de Mastozoologia, os Profs. Sansão Davi Luiz Raimundo e Antonio Marcus Tannure, sendo publicados outros trabalhos. Lamentavelmente a morte prematura de Sila Tenório de Albuquerque, Sansão Davi Luiz Raimundo, Antonio Marcus Tannure e Rogério Serrão Piccinini privou a Mastozoologia de competentes pesquisadores. Em 1981 Peracchi foi contatado na universidade por um jovem pesquisador, Nélio Roberto dos Reis, hoje professor titular de Ecologia da Universidade Estadual de Londrina, PR que, por sugestão do Dr. Paulo Emilio Vanzolini, do Museu de Zoologia

da USP procurou o Laboratório com a finalidade de ser orientado no doutorado do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. O convite foi aceito e em decorrência estabeleceu-se uma profícua parceria que se estende por mais de 30 anos, traduzidos por numerosos trabalhos científicos publicados e vários livros editados. Com o advento, em 1995, do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal do Instituto de Biologia da UFRRJ, as pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Mastozoologia desse Instituto sofreram substancial impulso e excepcional aporte de material colecionado em decorrência de trabalhos de campo desenvolvidos em várias regiões do país, permitiram que a coleção de quirópteros depositada no Laboratório sofresse apreciável crescimento, contando hoje com mais de 15.000 exemplares o que a coloca em posição de destaque no cenário científico brasileiro. Cabe enaltecer que numerosos pesquisadores foram formados pelo Programa, merecendo destaque: Marcelo Rodrigues Nogueira, Isaac Passos de Lima, Ricardo Moratelli Mendonça da Rocha, Daniela Dias, Shirley Seixas Pereira da Silva, Sylvia Ceppas Teixeira, André Pol, Benedito das Neves Costa, Jefferson Simanas Mikalauskas, Juliana Cardoso de Almeida, Dayana P. Bolzan, Andrea Cecília Sicotti Maas, Mayara Almeida Martins e Luiz Antonio Costa Gomes. A partir de 2006, o Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal passou a receber também alunos do recém-criado Laboratório de Diversidade de Morcegos da UFRRJ, ao qual se associou Luciana de Moraes Costa. Esses pesquisadores vêm contribuindo de maneira excepcional para um melhor conhecimento dos quirópteros brasileiros.

Mais recentemente, em 1989, Carlos Eduardo Lustosa Esbérard iniciou na Fundação Jardim Zoológico do Rio de Janeiro o projeto intitulado "Morcegos Urbanos", mas que também explorou os quirópteros encontrados em diversas unidades de conservação do Estado, realizando numerosas coletas, reunindo apreciável acervo científico e publicando várias contribuições. De 2001 a 2006 esse pesquisador desenvolveu atividades no Departamento de Ecologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo publicado diversos trabalhos em colaboração com docentes daquela Instituição. Em 2006 ingressou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para onde levou a coleção que organizou, passando assim a UFRRJ a contar com duas coleções de quirópteros. Esse pesquisador tem contribuído sobremaneira para o conhecimento da fauna de morcegos do país.

A região norte do estado do Rio de Janeiro passou a sediar, em meados de 1990, uma importante instituição pública de ensino superior, a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), que em 1999 passou a contar com a participação do Professor Leandro Rabello Monteiro. Esse acadêmico vem conduzindo pesquisas com diversos grupos zoológicos e encontra hoje, nos morcegos, um de seus principais modelos de estudo.

Embora a tradição na Mastozoologia em importantes instituições de ensino e pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro



(UFRJ) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tenha sido, e continue sendo, o estudo sistemático e ecológico de pequenos mamíferos não-voadores (marsupiais e roedores), diversos pesquisadores com formação nesses grupos tem contribuído para a quiropterologia. Essa contribuição tem se dado não apenas através de publicações, como também em orientações e participações em bancas de trabalhos de conclusão de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Aqui cabe destacar os nomes de Leila Maria Pessôa, Helena de Godoy Bergallo, Leandro de Oliveira Salles, Fernando Antônio dos Santos Fernandez e Carlos Eduardo de Viveiros Grelle, podendo ser citados também João Alves de Oliveira e Luiz Flamarion Barbosa de Oliveira.

Merecem citação pelos trabalhos desenvolvidos com quirópteros, dois médicos veterinários, Phyllis Catharina Romijn, pesquisadora da PESAGRO-RIO (Romijn *et al.*, 1996, 2003) e Prof. Renato Augusto da Silva, docente aposentado da UFRRJ que, juntamente com colaboradores, foi responsável pelo isolamento do vírus rábico em diferentes tecidos e órgãos de morcegos hematófagos e não hematófagos (Silva *et al.*, 1961; Silva & Souza, 1968a, b, c, d).

Sobressaem, no nordeste do Brasil, os trabalhos desenvolvidos por Deoclécio de Queiroz Guerra da Universidade Federal de Pernambuco, bem como as contribuições de Ludmilla Moura de Souza Aguiar e Jader Marinho Filho, do Departamento de Zoologia da Universidade de Brasília, sobre os quirópteros e outros mamíferos do Cerrado brasileiro.

Na Universidade Federal de Lavras, MG, Renato Gregorin vem publicando contribuições sobre a sistemática de quirópteros e na Universidade Federal de Minas Gerais, Valéria da Cunha Tavares vem se dedicando à sistemática filogenética dos morcegos neotropicais. Nessa última universidade, Marco Aurélio Ribeiro de Mello vem estudando as interações entre animal-planta e as redes ecológicas envolvendo esses mamíferos.

Mais recentemente, com o advento dos cursos de Pós-Graduação em diversas instituições de ensino superior do país, formaram-se grupos de pesquisadores que vêm desenvolvendo trabalhos de pesquisa de bom nível, explorando os mais diversos aspectos relacionados aos morcegos. Bom exemplo de trabalho realizado em parceria entre jovens pesquisadores é aquele que trata da descrição de uma nova espécie de *Histiotus* do Nordeste do Brasil (Feijó *et al.*, 2015). Deixamos de listar esses profissionais pois assim poderíamos, inadvertidamente, omitir nomes de importância para um melhor conhecimento dos quirópteros.

REFERÊNCIAS

Carvalho CT. 1960. Das visitas de morcegos às flores (Mammalia, Chiroptera). Anais da Academia Brasileira de Ciências 32: 359-377.
Carvalho CT. 1961. Sobre os hábitos alimentares de Phyllostomídeos (Mammalia, Chiroptera). Revista de Biologia Tropical 9(1): 53-60.
Carvalho CT. 1962. Lista preliminar de mamíferos do Amapá. Papéis Avulsos de Zoologia 15: 283-297.
Carvalho CT. 1973. Revisão nos Vespertilionídeos brasileiros (Mammalia, Chiroptera). Silvicultura, São Paulo 8: 115-125.

Peracchi, A.L.: A Quiropterologia no Brasil

Davis DE. 1947. Notes on the life histories of some Brazilian mammals. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia 76: 1-8.
Feijó A, Rocha PA, Althoff SL. 2015. New species of *Histiotus* (Chiroptera, Vespertilionidae) from northeastern Brazil. Zootaxa 4048(3): 412-427.
Léry J. de. 1998. Viagem à terra do Brasil. Caderno nº 10. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, São Paulo.
Lima EQ. 1934a. A transmissão da raiva bovina pelo morcego hematófago *Desmodus rotundus*. Brasil-Médico 48: 38.
Lima EQ. 1934b. A transmissão da raiva dos herbívoros pelos morcegos hematófagos da família Desmodontidae. Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 1(2-3-4): 165-185.
Peracchi AL. 1968. Sobre os hábitos de *Histiotus velatus* (Geoffroy, 1824) (Chiroptera, Vespertilionidae). Revista Brasileira de Biologia 28(4): 469-473.
Peracchi AL, Nogueira MR. 2010. Lista anotada dos morcegos do Estado do Rio de Janeiro, Sudeste do Brasil. Chiroptera Neotropical 16(1): 508-519.
Proença MC. 1943. "*Myotis guaycuru*" n. sp., morcego proveniente de Salobra, Estado de Mato Grosso (Microchiroptera, Vespertilionidae). Revista Brasileira de Biologia 3: 313-315.
Rego AA. 1982. Expedições e coletas helmintológicas no Brasil. Ciência e Cultura 34(4): 507-510.
Reis SF. 1989. Biologia reprodutiva de *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818) (Chiroptera, Phyllostomidae). Revista Brasileira de Biologia 49: 369-372.
Romijn PC, Silva MV, Oliveira NA, Andrade MCR. 1996. Contenção de quirópteros: a utilização da pinça Collin. Revista de Ciência da Vida - UFRRJ 18(1-2): 111-114.
Romijn PC, Van der Poel WHM, Heide RVD, Cattaneo, CAM, Silva RCF. 2003. Study of Lyssaviruses of bat origin as a source of rabies for other animal species in the state of Rio de Janeiro, Brazil. The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene 69(10): 81-86.
Silva RA, Rivello GV, Nilson MR. 1961. Isolamento de vírus rábico de morcego não hematófago da espécie *Phyllostomus hastatus hastatus* (Pallas). Arquivos do Instituto Biológico 4: 115-120.
Silva RA, Souza AM. 1968a. Isolamento do vírus rábico de pulmão, coração, rins, bexiga e outros diferentes tecidos de morcegos hematófagos da espécie *Desmodus rotundus*. Pesquisa Agropecuária Brasileira 2: 291-301.
Silva RA, Souza AM. 1968b. A pesquisa do vírus rábico na glândula inter-escapular de morcegos do Brasil em condições naturais de infecção. Pesquisa Agropecuária Brasileira 3: 313-315.
Silva RA, Souza AM. 1968c. A ocorrência do vírus da raiva no útero, feto, testículos e outros órgãos de morcegos hematófagos, *Desmodus rotundus* na infecção natural. Pesquisa Agropecuária Brasileira 3: 365-368.
Silva RA, Souza AM. 1968d. A ocorrência do vírus rábico em morcegos hematófagos da espécie *Diaemus youngi* (Jentink) no Brasil. Veterinária 21: 53-55.
Staden H. 1930. Viagem ao Brasil. Academia Brasileira. Rio de Janeiro.
Torres S. 1934. A transmissão da raiva dos herbívoros pelos morcegos hematófagos da família Desmodontidae. Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 1(2-3-4): 165-185.
Torres S. 1935a. Os morcegos hematófagos. Boletim do Ministério da Agricultura 24: 139-147.
Torres S. 1935b. A febre aftosa e o papel dos morcegos hematófagos na sua disseminação. Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 2(4-5-6): 417-420.
Torres S. 1936. A raiva e a infecção natural dos morcegos hematófagos. Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 3(1-6): 183-186.
Torres S, Lima EQ. 1935. A raiva nos morcegos hematófagos (*Desmodus rotundus murinus*). Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 2(4-5-6): 385-405.
Torres S, Lima EQ. 1936. A raiva e os morcegos hematófagos. Morcegos que resistem à infecção tornam-se portadores e eliminadores de vírus? Revista do Departamento Nacional da Produção Animal 3(1-2-3): 165-174.
Vieira COC. 1942. Ensaio monográfico sobre os quirópteros do Brasil Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo 3(8): 219-471.
Vieira COC. 1955. Lista remissiva dos mamíferos do Brasil. Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo 8(11): 341-474.

Submetido em 30/junho/2017

Aceito em 20/julho/2017